



INSTITUTO DE FILOSOFIA & CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - 44
2º. Semestre de 2010

DISCIPLINA

CÓDIGO / TURMA

NOME

HZ 263/B

Antropologia II - Cultura e Práticas Sociais

PRÉ-REQUISITOS

HZ161

CARGA HORÁRIA: (Nº DE HORAS POR SEMANA)

TEORIA: 02	PRÁTICA: 02	LABORATÓRIO: 00	ORIENTAÇÃO: 02	ESTUDO: 00
ATIVIDADE À DISTÂNCIA: 00	HORAS AULA EM SALA: 04		CRÉDITOS: 06	

HORÁRIO:

3ª.-feira, 19h00 às 23h00

PROFESSOR (A) RESPONSÁVEL

CONTATO:

Heloísa A. Pontes

helopontes@uol.com.br

PED: A () B () ou C ()

PAD

EMENTA

A construção do conceito de cultura na antropologia, focalizando: (1) a crítica às explicações deterministas (de base biológica, ambiental e material); (2) o debate em torno das teorias sobre a origem social do simbolismo e as teses sobre a constituição simbólica do social; (3) a crítica da noção de cultura como super-estrutura e as teorias sobre as práticas sociais como ação simbólica. O curso fará referência constante aos estudos etnográficos.

PROGRAMA

Voltado para apreensão das relações entre cultura e práticas sociais, tal como observadas em contextos etnográficos distintos, o curso visa um tríplice objetivo: a revisão crítica das explicações deterministas (de base biológica, material e ambiental); o debate em torno das teorias sobre a origem social do simbolismo e sobre a constituição simbólica do social; a discussão sobre as bases sociais das classificações e do conhecimento e seu entrelaçamento com as práticas sociais.

Para que esses objetivos sejam alcançados no tempo exíguo de um semestre, o curso se propõe a abordá-los por meio da leitura aprofundada de alguns autores clássicos da antropologia, selecionados menos com o propósito de recobrir a história dessa disciplina e mais com a intenção de fornecer aos alunos um repertório básico (e bem fundamentado) de noções, conceitos e procedimentos metodológicos centrais para a constituição e consolidação da antropologia.

Tendo em vista que a leitura dos clássicos é essencial para a formação intelectualmente vigorosa dos alunos que almejam se tornar antropólogos e cientistas sociais, o curso visa, ainda, a familiarização com alguns dos autores mais relevantes da antropologia e, a um só tempo, a discussão aprofundada de uma questão antropológica que irá atravessar todas as aulas do programa. Qual seja: a diversidade (histórica, sociológica e cultural) envolvida no ato de morar, de classificar e de conceber a casa e suas relações com as práticas sociais e simbólicas. Para cada aula, estão previstos dois eixos de exposição e discussão: na primeira parte, um autor clássico; na segunda, um texto relativo a diferentes usos e concepções de moradia, de autores provenientes de tradições intelectuais distintas e com formação diversa. Se os clássicos serão agrupados em função das questões teóricas mencionadas nos objetivos do curso - sem uma preocupação estrita com a cronologia ou com a definição de temas precisos -, os demais autores serão abordados por meio do eixo temático discriminado acima. A idéia mais geral que preside a articulação desses dois eixos é a de potencializar a leitura dos clássicos por meio da discussão de um tema (as concepções, as práticas sociais e os ordenamentos simbólicos envolvidos na casa) que diz respeito também à experiência social dos alunos.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO

Para cada aula, estão previstos dois eixos de exposição e discussão: na primeira parte, um autor clássico; na segunda, um texto relativo a diferentes usos e concepções de moradia, de autores provenientes de tradições intelectuais distintas e com formação diversa. Se os clássicos serão agrupados em função das questões teóricas mencionadas nos objetivos do curso - sem uma preocupação estrita com a cronologia ou com a definição de temas precisos -, os demais autores serão abordados por meio do eixo temático discriminado acima. A idéia mais geral que preside a articulação desses dois eixos é a de potencializar a leitura dos clássicos por meio da discussão de um tema (as concepções, as práticas sociais e os ordenamentos simbólicos envolvidos na casa) que diz respeito também à experiência social dos alunos.

BIBLIOGRAFIA

1) Títulos obrigatórios do primeiro eixo do curso.
DOUGLAS, Mary. 1976. Pureza e perigo [1966]. Tradução de Mônica L. de Barros e Zilda Pinto, São Paulo, Perspectiva (cap. 2 “Profanação secular” e cap. 3 “As abominações do Levítico”).
_____. 1998. Como as instituições pensam [1986]. Tradução de Carlos Eugênio M. de Moura, São Paulo, Edusp (Introdução e cap. 4 “As instituições se fundamentam na analogia”).
DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. 2009. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo [1979]. Tradução de Plínio Dentzien, Rio de Janeiro, Editora UFRJ (Prefácio, Introdução à edição de 1996, cap. 3 “Os usos dos bens” e cap. 7 “Esferas econômicas aplicadas na etnografia”).
DURKHEIM, Émile. 1989. As formas elementares da vida religiosa [1912]. Tradução de

Joaquim Pereira Neto, São Paulo, Paulinas (cap.1 “Objeto da pesquisa: sociologia religiosa e teoria do conhecimento).

DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. 1981. “Algumas formas primitivas de classificação”. In: Marcel Mauss, Ensaio de sociologia, São Paulo, Perspectiva, pp.399-455 [1903].

EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978. Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota [1940]. Tradução de Ana Goldberger Coelho, São Paulo, Perspectiva (cap. 3 “Tempo e espaço”).

_____. 2005. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande [1976]. Tradução de Eduardo Viveiros de Castro, Rio de Janeiro, Zahar (cap.2 “A noção de bruxaria como explicação de infortúnios”).

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1973. “O feiticeiro e sua magia” [1949]. In: Claude Lévi-Strauss, Antropologia estrutural. Tradução de Chaim Katz e Eginardo Pires, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

MAUSS, Marcel. 2003a. “Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas” (1925). Tradução de Paulo Neves, Sociologia e antropologia. São Paulo, Cosac Naify, pp. 183-314.

_____. 2003b. “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós”(1906), Sociologia e antropologia. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, pp.425-505.

SAHLINS, Marshall. 2003. Cultura e razão prática. Tradução de Sérgio Lamarão, Rio de Janeiro, Jorge Zahar (cap.4 “La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura”.)

II- Bibliografia do segundo eixo do curso (sujeita a alterações).

BOURDIEU, Pierre. 2002. “A casa ou o mundo às avessas”[1969]. In: Mariza Corrêa (org), Ensaio sobre a África do Norte. Tradução de Márcio Silva, Campinas, IFCH, Edição revista e ampliada do Texto Didático n. 16.

CARDOSO, Lúcio. 1963. Crônica da casa assassinada, Rio de Janeiro, Letras e Artes.

CARSTEN, Janet. 2000. After Kinship. New York, Cambridge Univ. Press (cap. 2 “Houses of memory and kinship”).

CARVALHO, Vânia Carneiro de. 2008. Gênero e artefato. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material, São Paulo, Edusp (Introdução, cap.2 “Espaços e representações de gênero: um campo operatório).

DUARTE, Luiz Fernando Dias e GOMES, Edlaine de Campos Gomes. Três famílias. Identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008 (Cap. 5 – Casa e família nas classes populares).

ELIAS, Norbert. 2001. A sociedade de corte. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte [1938] Tradução de Pedro Sussekind, Rio de Janeiro, Zahar (Cap.3 – Estruturas de habitação como indicadores de estruturas sociais).

FINAMORI, Sabrina. “Pesquisando a própria família”, Cadernos Pagu, n.33, dezembro de 2009, pp.369-377 (disponível no Scielo).

JOYCE, Rosemary A. and GILLESPIE, Susan D. Beyond Kinship: Material and Social Reproduction in House Societies. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2000 (Introdução).

LÉVI-STRAUSS, Claude.1986. “A noção de casa”. In: Claude Lévi-Strauss, Minhas palavras. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Brasiliense [1984].

MARCELIN, Louis Herns. 1999. “A linguagem da casa entre os negros no recôncavo baiano”, Mana. Estudos de Antropologia Social, vol.5, n.2, pp.31-60 (disponível no Scielo)

SCRIDELLI, Daniela Pereira. 2010. Interiores e exteriores da etiqueta e da decoração: gênero, posição social e histórias de vida. Unicamp, Tese de doutorado em ciências sociais (Apresentação “Etiqueta é decoração é coisa de dondoca, é coisa de gente fútil, é coisa de mulher” e “Considerações finais”).

ZALUAR, Alba. 1985. A Máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza, São Paulo, Brasiliense (Cap.4 “Os trabalhadores em suas famílias”, item “A pobreza e a família como unidade de consumo”, pp.100-111).

FORMAS DE AVALIAÇÃO

O curso é estruturado em torno de aulas expositivas e discussão de leituras. Além disso, está prevista a realização de uma pesquisa como parte da avaliação geral dos alunos. A média final consistirá na soma da nota da prova (que será feita em novembro, em sala de aula e sem consulta) e do trabalho final baseado na pesquisa que os alunos farão sobre as suas próprias moradias, abordadas com o auxílio da etnografia e da bibliografia que será lida e discutida ao longo do curso, na segunda parte de todas as aulas. Cabe lembrar que, pelas normas da universidade, uma frequência mínima de 75% das aulas (equivalente ao comparecimento participativo a, no mínimo, 12 aulas) é exigida a aprovação, independente da nota alcançada.

HORÁRIO DE ATENDIMENTO A ALUNOS

Os horários de atendimento serão previamente agendados de acordo com as demandas dos alunos.